



GUERRA NA UCRÂNIA / Cúpula convocada pelo presidente da Ucrânia foi iniciada ontem e discute caminhos para o fim do conflito no Leste Europeu. Exclusão da Rússia e ausência de países indica possível divisão global

União seletiva pela paz

» ISABELLA ALMEIDA
» MARINA RODRIGUES

Mais de 50 chefes de Estado e de governo participam da Cúpula da Paz convocada pelo presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, neste fim de semana. Próximo à cidade de Lucerna, na Suíça, os representantes iniciaram, ontem, as tratativas sobre pautas de segurança nuclear e alimentar envolvendo o conflito com a Rússia, que completou dois anos em fevereiro.

No início do encontro, Zelensky manifestou esperança de alcançar “uma paz justa o mais breve possível”. “Acredito que testemunharemos a história sendo escrita aqui. Tudo o que for consenso na cúpula fará parte do processo de paz”, declarou o líder da Ucrânia. Porém, o convite para participar do debate não foi enviado a Moscou, o que gerou críticas.

Líderes de alguns países, como Colômbia e China, argumentaram que a reunião parecia mais um alinhamento frente à guerra, formando “blocos”, e optaram por cancelar a presença no evento. Lula também não aceitou o convite, por considerar inviável chegar a um acordo de paz sem a parte russa, mas enviou um representante.

Em contraponto, a Suíça afirma que o objetivo da cúpula é dar os primeiros passos e pavimentar um caminho para a paz que, mais tarde, envolverá também a Rússia. O encontro está sendo realizado no luxuoso resort Burgensstock e se encerra hoje.

Isolamento

Às vésperas da conferência, o presidente russo, Vladimir Putin, surpreendeu ao anunciar condições para autorizar uma ordem de

Reprodução/X/Volodymyr Zelensky



Representantes do mundo todo se reúnem na Suíça, neste fim de semana, e planejam soluções para o fim da guerra

cessar-fogo e negociar. Em discurso televisionado, o líder do Kremlin exigiu a retirada das tropas do disputado leste e sul da Ucrânia e a renúncia da adesão à Otan.

Zelensky rejeitou o “ultimato”, comparando o modus operandi de Putin ao do ditador Adolf Hitler, e deu prosseguimento ao plano de paz com outras nações.

Ao **Correio**, Petro Burkovsky, analista da Fundação de Iniciativas Democráticas Ilko Kucheriv, em Kiev, afirmou que há duas tarefas e uma prioridade na cúpula. “A primeira tarefa é consolidar os poderes que apoiam a Ucrânia a longo

prazo, o que se reflete no plano de ação preparado para assinatura.”

Já a segunda tarefa, conforme o especialista, é implementar uma nova forma de trabalho para a maioria dos membros da ONU, que são Estados não nucleares, para se defenderem contra coerção e intimidação por qualquer poder nuclear hostil. “A prioridade é isolar a Rússia como um Estado agressor e impedir que ela arruine a ordem mundial baseada em regras, transformando a multipolaridade em um mundo dividido em esferas de influência de poderes nucleares e bem armados.”

O presidente ucraniano afirmou, ontem, que irá apresentar propostas de paz à Rússia assim que a comunidade internacional chegar a um consenso. “Quando o plano de ação estiver sobre a mesa, aceito por todos e transparente para o povo, então iremos comunicá-lo aos representantes da Rússia, para que possamos realmente acabar com a guerra”, declarou.

Apoio americano

Depois de quase um ano de estagnação, nos últimos meses,

a Ucrânia teve de abandonar dezenas de posições no front diante da ofensiva russa com tropas maiores e mais bem equipadas. Porém, após a redução do avanço da Rússia, Zelensky espera inverter essa tendência a partir da nova cúpula e da reunião concluída na Itália, com líderes do G7, da qual saiu com um empréstimo de 50 bilhões de dólares (R\$ 268 bi) a Kiev, financiado com juros dos ativos russos congelados.

Putin descreveu a medida como “roubo” e prometeu justiça. Por outro lado, Zelensky frisou que o empréstimo seria

usado “tanto para defesa quanto para reconstrução”. No mesmo fórum, ainda assinou com o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, um acordo bilateral de segurança que implicará o fornecimento de ajuda militar e treinamento às tropas de Kiev.

Devido a compromissos eleitorais, Biden é o único líder do G7 que não planeja viajar da Itália, onde o grupo se reuniu, à vizinha Suíça, para a Cúpula da Paz. A vice-presidente, Kamala Harris, foi em seu lugar e anunciou contribuições significativas em apoio à Ucrânia: 500 milhões de dólares (2,68 bilhões de reais) em novos financiamentos para assistência energética e mais de 379 milhões de dólares (2,3 trilhões de reais) em ajuda humanitária.

América Latina

Apesar da desistência do presidente colombiano, Gustavo Petro, o evento conta com uma grande representação latino-americana, incluindo os presidentes Javier Milei, da Argentina, Gabriel Boric, do Chile, e o equatoriano Daniel Noboa.

Volodymyr Zelensky aproveitou a ocasião para conversar com Milei, entregando uma honraria por sua atuação em defesa da soberania e independência ucraniana. “Agradeço ao presidente Milei por participar na Cúpula da Paz. Agradecemos também a ampla presença dos países latino-americanos. Tenho certeza de que a história se lembrará deste longo caminho para a paz”, publicou no X (antigo Twitter).

Outros aliados da Rússia no grupo Brics, como a África do Sul e a Índia, também enviaram representantes, com exceção da China.

REINO UNIDO

Princesa reaparece

Kate Middleton apareceu, ontem, pela primeira vez desde que anunciou seu diagnóstico de câncer em março. Ela participou do desfile de saudação ao rei Charles III, seu sogro, no chamado Trooping the Color, que, desde 1748, reúne a família real para celebrar o aniversário dos soberanos do país.

A última aparição pública da princesa de Gales, de 42 anos, esposa do herdeiro da coroa britânica William, foi em dezembro de 2023. Em janeiro deste ano, Kate foi submetida a uma cirurgia abdominal e permaneceu recolhida por meses antes de compartilhar que estava tratando o tumor no

intestino, sobre o qual não foram divulgados detalhes.

Cerimônia

Toda de branco, em uma carruagem, a princesa atravessou o Mall, avenida principal que dá acesso ao Palácio de Buckingham, em Londres, acompanhada pelos três filhos. Vestindo uniforme militar, o rei percorreu o trajeto ao lado de sua esposa, Camilla, em

outra carruagem, e não a cavalo, como no ano passado.

O monarca, também em tratamento de câncer, completará 76 anos somente no dia 14 de novembro, mas a tradição determina que os aniversários devem ser celebrados em junho, quando as temperaturas estão mais amenas. Apesar de ontem ter sido chuvoso, houve cerimônia militar e aparição da família real na varanda do palácio (foto).

AFP



Ao lado da família real, Kate participa do aniversário de Charles III

Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

POLÍTICA ARCAICA, ELEITOR INSALUBRE

No sul da Itália, de frente para o Mar Adriático, num resort pomposo, reuniram-se até o dia de ontem os líderes do chamado G7. No centro da pacherria Puglia, a cerca de uma hora de carro, ou 15 minutos de helicóptero de Bari, capital da região, o local transmite o perfeito sentimento de lenta decadência chique desse grupo de sete países que, outrora, foram as maiores economias do mundo, quando a civilização ocidental não era atacada em suas credenciais.

Não são mais nem as sete maiores economias, nem os sete países mais influentes, muito menos os sete países mais relevantes ou poderosos. Tais convênios anuais são um resquício da configuração

do mundo em meados dos anos 1970. Fenômeno conhecido em sociologia econômica como “inércia ou resistência”. Uma tendência de instituições não mudarem, mesmo diante de mudanças ou necessidade de adaptação.

Passadas cinco décadas de sua reunião inaugural, organizada por Valéry Giscard d'Estaing no Castelo de Rambouillet, na França, nenhum dos fundadores está mais vivo. O francês Giscard d'Estaing, o último a nos deixar, em 2020, aos 94 anos, morreu após contrair covid.

Na atualidade, por mais incongruente que possa parecer, quem empresta a essa cúpula alguma legitimidade e senso de relevância

para os desafios do mundo contemporâneo são justamente os grandes países não membros que são convidados para participar de tais ocasiões. Neste ano, são os mandatários de Brasil e Índia que são coadjuvantes, peculiar situação para a Índia que anda mais famosa do que alguns dos principais.

Basta indagar ao FMI quais países têm, em 2024, os maiores PIBs baseados em Paridade de Poder de Compra, o potencial de padrão de vida e do bem-estar econômico das nações, que só vamos achar três dos sete integrantes do G7 na relação. Pela lista de PIB em dólares correntes dos EUA, encontramos apenas cinco dos sete países.

O Brasil ocupa, hoje, a oitava posição em ambas as listas. Já a Índia, é a terceira maior economia na primeira e a quinta maior na segunda.

Apesar das ponderações acima, há ainda quem afirme que o G7 é o grande fórum de concertação do poder global. Algumas mentes

desatualizadas, herdeiras de uma época que se foi, insistem candidamente em apostar que basta que entrem em acordo EUA, Europa e Japão para que qualquer objetivo seja alcançado no planeta. De fato, essa trinca quando se articula é de sair de baixo. Todavia, não é mais suficiente.

Sua necessidade de adaptação não é apenas uma questão de boas maneiras, mas de sobrevivência. E esses são tópicos de uma encruzilhada, que estiveram à mesa na estância praiana da Puglia, tanto sobre conjuntura global como também por conta de preocupações com as tendências domésticas observadas no comportamento dos eleitores nesses países centrais.

Afinal, dentre os países do G7, a maioria está na Europa. E três — França, Alemanha e Itália — são justamente os membros principais da União Europeia (UE), que acabou de passar pelas eleições para seu

parlamento, que se divide entre Estrasburgo e Bruxelas.

É fato que os países da UE ainda estão imersos num contexto de descontentamento com partidos tradicionais e a tendência mundial do eleitor transformar partido político em clube privado. Os resultados das eleições europeias mostram que os dois grupos partidários associados à direita radical somaram menos de 20% dos assentos (18,7% para ser preciso). Na legislatura que está terminando, eles têm 18%. Ou seja, um incremento nada avassalador. O que ocorreu foi um avanço da extrema direita dentro da França e da Alemanha, o que chamou a atenção, além de uma confirmação do prestígio eleitoral da italiana Giorgia Meloni, primeira-ministra do país que recebeu o G7.

O que realmente cresceu bastante nesse pleito foi o número de eurodeputados não alinhados a grupos partidários refletindo a diversidade

política e ideológica na Europa, com tendências nacionalistas e populistas.

De fato, os não alinhados podem influenciar o equilíbrio de poder no Parlamento Europeu, especialmente em votações onde os blocos principais (PPE, S&D e Renovar) estão divididos. De todo modo, o grupo Conservadores e Reformistas Europeus (ECR), de Meloni, e o extremista ID, de Marine Le Pen, de França, ainda são secundários, principalmente em relação à centro-direita do Partido Popular Europeu (PPE) e à centro-esquerda da Aliança Progressista dos Socialistas e Democratas (S&D).

Sendo assim, o G7 ainda tem mais que se preocupar mesmo é com o que pode acontecer na eleição dos EUA, no próximo 5 de novembro. E comparecer em peso ao G20, um fórum muito mais adequado ao mundo atual.

PAULO DELGADO, sociólogo.